

ARTE DE AMAR

Cinda Gonda*

Em sua *Arte de Amar*, Ovídio propõe “cantar o amor e seus ardis”, não havendo, portanto, no canto nenhum crime. Parece não ter sido esse o entendimento da sociedade de sua época. Mais tarde, seria banido de Roma, seguramente, por defender tais ideias.

Séculos depois, em janeiro de 1971, o poeta Jorge de Sena iria interrogar os “ardis” amorosos do escritor latino. Em sua releitura, a palavra crime cede espaço ao desejo. “Só não é belo o que se não deseja/ ou o que ao nosso desejo mal responde”. Se em Ovídio, o crime nos parece conduzir às leis, a uma regra moral, em Sena, o desejo remeterá às pulsões de vida e morte, à transgressão. Mas, convém não esquecer, desejo também guarda em sua origem etimológica a noção de desastre, “que ao nosso desejo mal responde”.

Se no poeta latino, tal arte obedeceria a uma espécie de aprendizado de um jogo amoroso, feito de ardis, dissimulações e sedução, entre caçador e caça, em Sena, a tensão se anula. A celebração da carne em todo o esplendor se impõe, sem amarras, ou limites. O único domínio fixado é o da transgressão, o ato sexual em sua plenitude. O desejo em si e por si anuncia uma aspiração à liberdade. Nesse sentido, funciona como uma força desestruturadora no interior de uma sociedade que busca, acima de tudo, a contenção.

Sabemos que o desejo aponta para a carência, para o vazio, como um espaço a pedir que seja preenchido. O que brota dos versos de Sena sugere outra forma de amar, as relações entre dominados e dominadores, limites ou regras são quebrados. O único território válido é o de Eros.

Examinemos os versos de abertura do poema: “Quem diz de amor fazer que os actos não são belos/ que sabe ou sonha de beleza?/ Quem sente que

suja ou é sujado por fazê-los/ que goza de si mesmo e com alguém?” Se é certo que o levantamento das questões, mais do que as respostas, movimentam o mundo, o que se vê é a afirmação de um novo olhar sobre o ato amoroso, onde corpos, não importa o gênero, se fundem e confundem. A impureza, traduzida na palavra suja, dá conta do que está à margem. Aqui, signos e palavras ganham um novo sentido. Os conceitos, novo significado.

Nos tempos que correm, de neutralidade, os versos de Sena se formam um contraponto entre a vida e a estagnação. “Que gestos há mais belos que os do sexo?/ Que corpo belo é menos belo em movimento?/ E que mover-se um corpo no de um outro o amplexo/ não é dos corpos o mais puro intento?” O poeta afirma o erotismo físico, a relação concretizada entre dois corpos.

Dividido em quatro estrofes, o poema de *Exorcismos* estabelece uma configuração na qual a primeira irá se abrir com uma pergunta, a segunda, como se fora um canto e contracanto, dialogará com a primeira. O mesmo procedimento acompanhará as duas subsequentes.

Em Sena os atos amorosos surgem com seus múltiplos enigmas: como vertigem, interdição, embriaguez. O que a sociedade expurga, o poeta afirma.

Na terceira estrofe, onde a realização do ato sexual se dá, “Que gestos há mais belos que os do sexo?/ Que corpo belo é menos belo em movimento?/ E que mover-se um corpo no de um outro o amplexo/ não é dos corpos o mais puro intento?” Da noção de dispêndio que o erotismo guarda passa-se a um significado positivo.

Com um novo aprendizado, o poema se encerra. “Olhos se fechem não para não ver/ mas para o corpo ver o que eles não,/ e no silêncio se ouça o só ranger/ da carne que é da carne a só razão”.

A experiência do corpo pelo corpo se impõe. O fim do ato de amor coincide com o término do poema. Afinal, não é pela “pequena morte” que experimentamos a totalidade, tocamos o absoluto?

Em sua “Arte de Amar”, Sena subverte conceitos nos quais as pessoas tradicionalmente se reconhecem. Inverte o que é afirmado. Negando, recupera, redimensionando, o que foi excluído, expurgado. Celebrar o amor, a sexualidade, o corpo, a vida, na condição de seres desejantes, parece ser o apelo que nos chega desses versos. Um novo aprendizado se impõe: o prazer como medida de todas as coisas. O que a sociedade descarta, o poeta afirma.

Sob a lógica de extermínio do diferente, de higienização, a revolta com o corpo e pelo corpo não deixa de ser irrecusável convite: “e no silêncio se ouça o só ranger/ da carne que é da carne a só razão”.

* Professora da Faculdade de Letras *da UFRJ. Atua nos cursos de Graduação, Pós-Graduação e Extensão. Seus temas de pesquisa giram em torno da prosa de ficção e da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Coordenadora do Curso de Especialização em Literaturas Portuguesa e Africanas/ UFRJ, Professora do Curso de Formação Continuada do Programa Integrado para Educação de Jovens e Adultos/ UFRJ. Orientadora e Coordenadora do Projeto de Incentivo à Leitura (EJA). Organizou os livros *8 Poetas* e *Escritas do Corpo Feminino*.